A gloria de Castro Alves em São Paulo
(1868-1869)

ANTONIO CONSTANTINO

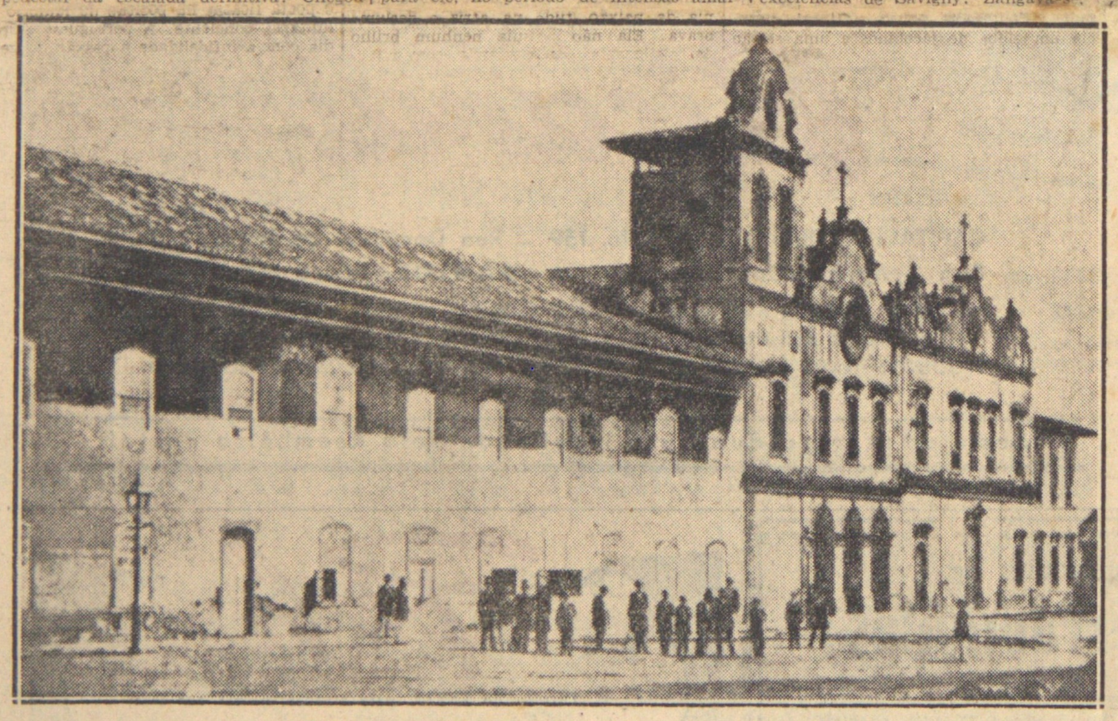
Castro Alves é um mundo. Tão grande nas manifestações do estro que, até hoje, cerca de oitenta anos de sua passagem por São Paulo, ainda há muita coisa a atestar a presença do aédo de "Os Escravos" em nosso meio. E' que ele foi o interprete de uma fase de repercussões sociais, similhante aos acontecimentos de nossos dias. Negam-lhe, como naquele periodo e como sucedeu depois, o primado no verso nacional. O intento é improficuo, a gloria do genio vem se acentuando no alcandor, em que jamais lhe poderão arrancar a gloria de ser o primeiro entre os primeiros. Por que merece Castro Alves a imortalidade no ponto mais alto da poesia brasileira? Porque é o unico a definir o sentimento da nação, a compreender as injustiças praticadas contra os humildes e a prever a redenção que agigantou os passos da nacionalidade. Poeta que devassou a caligem do futuro. Prognosticou. Vate que a Patria reverencia na culminancia do esplendor que é seu, exclusivamente seu.

Bilac, num dia de azedume, contrapôs à imensidade do baiano o extraordinario valor de Gonçalves Dias. Mas o cantor dos Timbiras não obteve a popularidade do autor de "A Cachoeira de Paulo Afonso". Castro Alves nasceu e continua a viver na alma das multidões. E' isto que o alça ao apogeu, embora a poetica do maranhense seja mais rica de expressões de arte e de pureza de linguagem. Não sendo a "Canção do Exilio", com as palmeiras onde canta o sabiá, nenhuma composição outra o povo conserva de Gonçalves Dias, que é eternizado no classicismo da obra privilegiada. No entanto, de Castro Alves pode dizer-se que tudo ficou a vibrar no culto da Patria, por ter sido ele a voz que distante ecoou, exalçando o espirito de liberdade e construindo, através do clangor das estrofes condoreiras, o hinario a condensar o heroismo das criaturas torturadas no amor à vida e à terra natal.

Rui, no elogio perfeito do artifice das "Espumas Flutuantes", situou bem a posição do baiano. E a Rui não se veda a sensibilidade de critico e de esteta. Rui se pronunciou, além disso, como mestre impecavel do idioma. A Aguia de Haia confirmou: "Eis o que eleva Castro Alves à altura de um poeta nacional e bastante eminente para representar uma grande manifestação da Patria: é que a alma da sua poesia é a aspiração culminante do país. Nos seus cantos, geme pela liberdade o passado, pugna o presente, e triunfa o porvir".

O baiano teve inspirações de lirismo incomum. A beleza o seduzia, para criações de subjetivismo que comove. Mesmo nesse genero, não represava a rebeldia do pregador do direito de ser livre. Releiam-lhe, por exemplo, as quadras de "A Cruz da Estrada", poema das sertanias varadas pelos viajores de outrora, e nos versos finais hão de encontrar a prova do que assevero.

São Paulo é, na vida do poeta, o momento empolgante de suas vitorias. Aluno da Faculdade de Direito, lá fundiu o pedestal da escalada definitiva. Chegou no norte e na capital do Imperio, porém é na Paulicéia que conquista as palmas imarcesciveis. Morou aqui um ano. Mas um ano que enche um seculo. São os meses da fama que o perpetuam na memoria dos patricios, e são tambem os meses da paixão que o leva à morte. Vou resumir a época da sua permanencia nesta capital, de 1868 a 1869. Ofereço, aos leitores, excertos da "Historia da Faculdade de Direito de São Paulo" que estou preparando. E' a minha contribuição ao centenario do nascimento do genio inigualavel dos "Hinos do Equador".



A Faculdade de Direito e o Convento dos Franciscanos, em 1868.

O estudante

Concluindo o segundo ano na Faculdade de Direito do Recife, tomou Castro Alves a decisão de vir prosseguir os estudos em São Paulo. Em companhia da atriz Eugenia Camara, sua amante, de uma filhinha dela, e de Fagundes Varela, embarcou em março de 1868, com destino ao sul, com escala pela Baía e no Rio. Trazia, no bolso, a guia de transferencia de escola que lhe concedera o visconde de Camaragibe, diretor do curso juridico de Pernambuco. Mas a preocupação mais séria do vate era a representação do seu drama historico "Gonzaga ou a Revolução de Minas", para o que contava com o concurso de sua amada. Cuidemos, antes de tudo, do estudante.

No dia 13, entra Castro Alves com o pedido de matricula no 3.o ano da velha Academia do Largo de São Francisco, documento que é facsimilado noutro local destas notas. O requerimento é deferido pelo diretor, conselheiro padre dr. Vicente Pires da Mota.

Ao ingressar na Faculdade, o renome do poeta é festejado nos pontos cardiais do Imperio: no Recife, na Baía, na côrte e em São Paulo. Nos bancos das aulas a situação do aluno é apagada. Quem brilha é o versejador admirado por mestres e condiscipulos. Vadio de nenhuma vocação para o direito, dominava, contudo, o meio, com o prestigio dos arroubos da imaginação. Era isso que lhe dava a estima de todos. Ademais, era o orador que empolgava, seu verbo possuia fulgores de florestas incendiadas. Deslumbrados com o talento e com a força lirica do jovem terceiranista, os lentes não se demonstravam intransigentes, nem se revelavam severos com o poeta que já era o orgulho de sua gente. Tornou-se o discipulo amado. Ao sair da aula, José Bonifacio, o Moço, que centralizava as atenções na tormenta politica então desencadeada, ia lhe dar o braço, e assim atravessavam o largo fronteiro ao Mosteiro dos Franciscanos. Onde se vê, na historia da Faculdade, caso identico? E ali, entre os colegas, as figuras de Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Martim Cabral e outros se sobressaiam. A turma dos referidos tempos assombrava pelo valor. Aí foi que o cantor de "Consuelo" ganhou amplitude.

Castro Alves se interessou pelo ambiente academico. Projetou organizar um "ciclo literario" e criar o teatro estudantino, idéia fracassada com a desventura que lhe adveiu em novembro do mesmo ano. Editando, na Baía, o volume das "Espumas Flutuantes" em 1869, epigrafou-o com o distico: "Estudante do quarto ano da Faculdade de Direito de São Paulo". Expressivo.

A propaganda do abolicionismo e da republica o absorveram logo no inicio. Frequentava raramente as lições. Só a poesia o fascinava, durante o curso. Instante houve, contudo, em que a situação mudou, conforme asseverou Xavier Marques: "Chegava o fim do ano, e a preocupação dos exames varreu-lhe todas as demais. Castro Alves tinha diversas faltas notadas na caderneta, que não estavam, todavia, de acordo. A solução das duvidas foi ser-lhe proclamada a perda do ano. Mas São Paulo, diferente do Recife com a inimizade de um colega e as caturreiras de um lente ouriçado, não lhe toldaria o limpido horizonte com uma nuvem sequer. O estudante dirigiu um requerimento ao governo, e os professores em termos tais o informaram que o deferimento não se fez esperar. O academico entrou em exame e foi aprovado plenamente".

Quanto a Recife, o colega inimigo era Tobias Barreto. Sobre o professor que lá o perseguira, conta-se que a raiva do lente provinha de ser ele reacionario, monarquista e carola, adverso às convicções republicanas e libertarias do poeta. O catedratico expremeu a Castro Alves nos exames, porém o aluno fez "ato" que causou sensação. Sem jeito de o reprovar, o lente deu-lhe um simplesmente. O estudante se ergueu e lhe lançou em rosto:

— Um lente talentoso vinga-se do estudante "espichando-o"; um burro, pregando-lhe um coice...

Os exames do terceiro ano decorreram, para ele, no periodo de intensas amarguras. Desesperado capitulo de amor passional com Eugenia Camara. A dor do rompimento o acabrunhara. O genio se debatia na mesma noite de brumas em que a conheceu, quando "ela passou sozinha, macilenta, tremendo a soluçar..." Agora, a inquietude somente. Assim

Castro Alves aos 16 anos.

mesmo, enfrentou com galhardia a banca, onde aparecia o vulto senhorial do conselheiro João Crispiniano Soares.

O baiano sugestionava a Faculdade em pêso. Entende-se, portanto, porque ele, aluno sem aplicação, pôde sensibilizar mestre notavel como Crispiniano, cuja energia atemorizava. Ha quem diga ter sido Castro Alves bom estudante, e é falso. Nem bossa de jurista. O curso de direito foi-lhe imposição da familia, para seguir o terço da moda. Crispiniano era inabalavel no rigor em relação ao ensino. Grandalhão, meio estrabico, o monoculo a insistir na observação dos tipos e das coisas, vivia proclamando as excelencias de Savigny. Zangava-se, batia nos braços da poltrona, e a voz metalica subia no salão. Castro Alves o temia. Se o professor vinha de calças brancas à Faculdade, crescia quase.

Nos exames de 1868, o poeta se achou em presença do catedratico ranzinza. Na hora, Crispiniano não vestia calças brancas. Bom sinal. Devia o aluno dissertar sobre o poder marital, materia que desconhecia. Crispiniano puxou a gola da sobrecasaca e fincou-lhe o monoculo. Castro Alves se desajeitou e, gaguejando, principiou:

— O poder marital...

Pensou alguns segundos. O mestre sorria.

— O poder marital...

De repente, iluminou-se.

— O poder marital é odiosa restrição à liberdade da mulher...

E espraiou-se em digressão cheia de lirismo inspirado, fazendo poesia e ausente de qualquer fundo juridico.

Crispiniano não aguentou e, na hora em que o discipulo se inflamava, exclamou, interrompendo-o:

— Admiro muito os seus versos, senhor Castro Alves. Mas isto cá não é verso. Estou satisfeito.

Deu-lhe nota plena.

Essa aprovação plena, conseguida com a admiração que impunha pela genialidade poetica, motivou a afirmação de haver feito exame invulgar, como aluno dos mais estudiosos. Nisto, andam enganados os biografos, inclusive o escrupuloso Xavier Marques.

Chegou a matricular-se no 4.o ano, porém não continuou o curso, em vista do seu estado de saude, conforme se verá depois.

Impressões de S. Paulo

Em abril de 1868, escreve ao cunhado Augusto Alvares Guimarães, seu amigo e protetor, a carta que traduz as impressões da Paulicéia. E' esta:

"Meu caro Augusto.

Eis-me em São Paulo, na terra de Azevedo, na bela cidade das névoas e das mantilhas, no solo em que casa Heidelberg com a Andaluzia...

Nós os filhos do norte (consente este "norte"; sabes que é palavra relativa) sonhamos São Paulo o oasis da liberdade e da poesia plantado em plenas campinas do Ypiranga... Pois o nosso sonho é realidade e não é realidade... Se a poesia está no envergar do ponche escuro e largar-se campo fóra a divagar perdido n'estes "geraes" limpos e infinitos como um oceano de juncos; se a poesia está na enfumação do quarto com o cigarro classico, emquanto lá fóra o vento enfumaça o espaço com a garôa (é uma névoa espessa como nuvem que se arrastasse pelas ruas) com a garôa ainda mais classica; se a poesia está no espreitar de uns olhos negros atravez da rotula dos balcões ou atravez das rendas da mantilha que em amplas dobras esconde as fórmas das moças, então a Paulicéa é a terra da poesia.

Sim! porque aqui não ha senão frio, mas frio da Siberia; "cynismo", mas "cynismo" da Allemanha; casas, mas casas de Thebas; ruas, mas ruas de Carthago... (por outra) casas que parecem feitas antes do mundo, tanto são pretas; ruas que parecem feitas depois do mundo — tanto são desertas...

Isto quanto à poesia. Quanto à liberdade, ella, se está mais desenvolvida em certos pontos, em outros acha-se mais restrita. Entretanto inclino-me a preferir São Paulo ao Recife.

Mas... basta de descripções. Ocupemo-nos de nós. Antes de tudo uma queixa — não me tens escripto, apesar de ser esta a terceira carta que te faço.

Depois permitte que te pergunte se recebeste o livro sobre a Escravidão. Mandei-o levar pelo Anselman (assim pronuncia-se pelo menos o nome delle), que foi para a Bahia no dia posterior ao do recebimento de tua carta.

A proposito do livro, conversemos. Devo dizer-te que os meus "Escravos" estão quasi promptos. Sabes como acaba o poema? (Devo a São Paulo esta inspiração). Acaba no alto da serra de Cubatão, ao romper da alvorada sobre a America, emquanto a estrella da manhã (lagrima de Christo pelos captivos) se apaga pouco a pouco no Ocidente. E' um canto do futuro. O canto da esperança e nós não devemos esperar? Sim, e muito e sempre... Mais tarde dar-te-ei a explicação d'este enigma das minhas crenças. Entretanto, trabalho! Talvez em breve possas fazer muito pela "nossa idéia". Escreve o teu livro. E' verdade! Devo dizer-te que houve aqui um brilhante sarão literario. Pianistas, cantores, oradores, valsadores, virtuoses, etc., etc.. Foi uma bella reunião, quasi um baile. Ahi me achei, e, entre amigos, se algum dia obtive um triumpho não foi noutro logar.

Recitei uma poesia logo no principio da sessão e... fui extremamente feliz. Muitos lentes da Academia ahí se achavam, o Saldanha Marinho, etc., e todos me receberam da maneira mais lisonjeira. Imagina que até a senhora do Consul inglez (uma ingleza! meu charo) veio enthusiasmada dizer-me: "Mim gostar muita da sua recitativa!" E depois fizeram-me recitar "As Duas Ilhas", e depois "A Visão dos Mortos", todas bem acolhidas. Os jornaes de São Paulo, se quizeres ler, de 30 ou 29 de março, publicam-nas precedidas de algumas palavras.

O que queres? Em toda parte tenho encontrado uma patria, menos na Bahia... na terra dos OOO Rabellos e BBB Barretos!... mas que importa? Não é verdade que estes sandeus não são capazes de fazel-a odiar?

.. ..

A preguiça, que para mim é uma couraça contra as arguições dos amigos, para ti de nada serve. Agora devo concluir. Escrevo-te à noite. Faz frio de morte. Embalde estou embuçado no capote, e esganado no "cache-nez"... Homem feliz, que tu és, Augusto! A estas horas súas à fresca nos lençoes de linho, emquanto eu estou gelado com as meias de lã.

Olha, se lêres poesias nebulosas, germanicas, tiritantes, hybridas, acephalas, anomalas... não critiques nunca antes de ver se são de São Paulo, e se forem... cala-te.

São Paulo não é o Brasil... é um trapo do pólo pregado a gomma arabica na falda da America (como diria o Tobias).

Adeus, meu charo Augusto, recebe um abraço do teu do coração.

Castro".

A ruidosa estréia

Deixa transparecer Castro Alves, na missiva reproduzida, o êxito de sua apresentação ao auditorio paulistano. E' capitulo que merece relato minucioso.

Marcou ele estréia unica, em S. Paulo. Todos quiseram conhecer, de perto, o moço que vinha entre hosanas e palmas. O ensejo se apropositou. A festa do "Arquivo Juridico e Literario", reunião talvez a mais celebre, nos anais da vida academica. A repercussão estendeu-se, e não se pode escrever sobre a permanencia do vate aqui, sem ser realçado o acontecimento, decisivo na sua consagração entre os paulistanos.

Nascera a Associação do Arquivo Juridico e Literario às vesperas de Castro Alves, Rui Barbosa e Joaquim Nabuco se encontrarem na Escola do Convento. Na mesma ocasião, surgiu o órgão oficial da sociedade "Arquivo Juridico e Literario". Como o Brasil se achava entregue às alegrias em consequencia dos boatos sobre os sucessos das armas imperiais na guerra com o Paraguai, pensaram os diretores do gremio em comemorar o primeiro aniversario do jornal, com a sessão que propiciasse tambem a homenagem aos heróis das batalhas no sul. A confirmação das vitorias demorou; e o professor Duarte de Azevedo, presidente da Associação, deliberou se realizasse a festa relembrando apênas "a instalação da empresa". Falava-se de Castro Alves em todos os circulos. A avidez do povo o solicitava, e os seus colegas da Academia o convidaram para se fazer ouvir. Não esperava outra coisa o baiano. Ainda lhe ressoavam aos ouvidos as ovações com que as massas o receberam nas jornadas da Baía e do Rio. E São Paulo lhe aparecia como a Terra Prometida, a dos triunfos maiores.

Rui Barbosa quando Academico de direito, em 1868

Havia Castro Alves atingido o pináculo, sobretudo em razão dos sentimentos que lhe desbordavam das estrofes, indo ecoar no coração da plebe. Embora tivesse lampejos de genialidade, nunca deixou de ser do seu proprio meio, do seu tempo, do seu povo, a exprimir-se na linguagem entendida nos casebres e nos palacios. Quando lhe musicaram diversas composições, a gloria o raptara. Nas canções cheias de melodia, ficava ele mais proximo do caminho e da veneração dos patricios. Cantavam-se os versos do "Gondoleiro do Amor", porque a musica popularizára a beleza e a emoção da poesia.

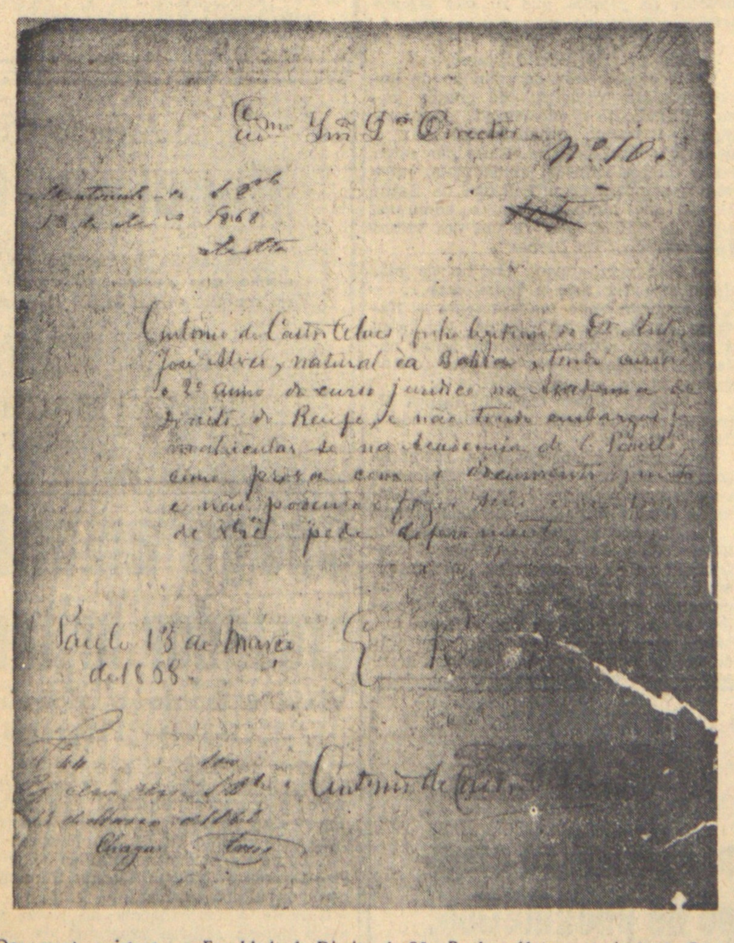
Castro Alves aos 21 anos, ao matricular-se na Faculdade de Direito de São Paulo

Carlos Ferreira, o versejador tambem condoreiro das "Rosas loucas", testemunha a ascensão do influxo castroalvesco: "A nossa casa era, então, uma especie de centro literario, no qual fazia o papel de Jupiter Tonante o grande Castro Alves, cuja fama nesse tempo chegava ao apogeu. O Castro recitava os seus belissimos versos, o auditorio o aplaudia, ficando por fim cada um de nós sem coragem de exibir as proprias composições, por temor do confronto".

Voltemos à festa. Efetuou-se a sessão na séde da Concordia Paulistana. O saráu do "Arquivo", assim é rememorado na tradição das Arcadas. Os lentes e os alunos, presentes. A Academia em pêso, portanto. Mas o que provocou comentarios foi o comparecimento do conselheiro Saldanha Marinho. E familias que não acabavam mais. A noticia de ser Castro Alves um dos oradores e declamadores do dia, chamou enchente no salão. A lista da comissão promotora: Duarte de Azevedo, José Bonifacio, o Moço, Rodrigo Augusto da Silva, e os estudantes Ernesto Rodrigues Possolo, Salvador de Mendonça, José Francisco Diana, J. Cesario dos Santos, Didimo Junior, Francisco Paulino Soares de Sousa, Francisco Mascarenhas e J. Nicoláu Vergueiro. Iniciou-se com musica pelos academicos Itiberê, Cardozo de Meneses e Venancio Aires.

Quando Candido Leitão perorou no discurso oficial, subiu Castro Alves ao palco e declamou composições suas. O sucesso chegou a proporcões incriveis. A assistencia se viu fascinada pelo jovem de olhar firme, altó, cabelos escuros e revoltos na fronte larga. "Nessa noite — escreveria mais tarde o meticuloso Campos Carvalho — todas as honras foram dele, o entusiasmo tocou ao delirio, quando arrematou a ultima estrofe de "O Livro e a America" e, a pedido geral, encetou o recitativo "Visão dos Mortos", fragmento do poema "Os Escravos".

Castro Alves era cabotino. Por que não dizê-lo? Um Dannunzio dos tropicos. Certo contemporaneo do baiano asseverara: "Na noite de espetaculo, quando aparecia no camarote para recitar, fazia-se na platéia e nos camarotes um silencio profundo. E ele sabia preparar a cena, como emerito (sic) artista que era. Para essas ocasiões, punha pós de arroz no rosto, a fim de acentuar mais a pa-



Documento existente na Faculdade de Direito de São Paulo, sôbre a matricula de Castro Alves no 3.º ano. Verdadeira reliquia historica, salva miraculosamente do incendio que, em 1880, destruiu quase todo o arquivo da Escola do Convento de São Francisco. As bordas do lado direito do requerimento se acham enegrecida e parcialmente queimadas pelas chamas. O poeta cursara o 1.º e o 2.º ano na Faculdade de Direito do Recife. Reza o documento: "Exmo. Sr. Dr. Diretor. Antonio de Castro Alves, filho legitimo do dr. Antonio José Alves, natural da Bahia, tendo cursado o 2.º ano do curso juridico na Academia de Direto de Recife, e não tendo embargos p.ª matricular-se, na Academia de São Paulo, como prova com o documento junto, e não podendo o fazer sem consentimento de V. Exa. pede deferimento. E. R. M. S. Paulo, 13 de Março de 1868. (a) Antonio de Castro Alves". No alto, despacho do então diretor da Faculdade de Direito, conselheiro padre dr. Vicente Pires da Mota: "Matricule-se. S. Paulo, 13 de Março de 1868. (a) Motta".

lidez, um pouco de carmim nos labios (oh! adoraveis ilusões da mocidade!) e muito oleo nos longos cabelos que ele arremassava para traz da formosa cabeça..."

A "republica" do Bardo

Segundo as cronicas, montou Castro Alves "republica" juntamente com os amigos diletos Carlos Augusto Ferreira e José Felizardo Junior. A "republica" dos três poetas e dramaturgos. A alcova de Castro Alves tinha pequena porta que dava acesso ao comodozinho da biblioteca. A janela abria sobre o jardim. Os academicos e os intelectuais da época alí se reuniam, para as delicias das tertulias e dos recitativos. O poeta republicano do "Gonzaga", como lhe chamava Joaquim Nabuco, atraia as preferencias dos circunstantes. Sómente Castro Alves interessava.

A "republica" se localizava na esquina da atual rua Senador Feijó com o largo da Sé.

Eugenia Camara e o "Gonzaga"

A paixão amorosa do poeta foi a atriz portuguesa Eugenia Camara. A peça de Castro Alves "Gonzaga ou A Revolução de Minas" está ligada a essa passagem emotiva de sua existencia.

A atriz Eugenia Camara

Tinha ele apenas dezenove anos, quando idealizou o drama.. Muito se comentava, no Recife, a respeito desses amores, e ele resolveu gozar as férias do segundo ano no refugio de vivenda no suburbio do Barro. Naquele sitio de encantos que lhe escaldavam a inspiração, escreveu o trabalho, na prosa cheia dos tropos e da veemencia da sua poesia. Regressando à capital pernambucana, revelou o que fizera. Não se demorou, lá deixou a Faculdade de Direito, e embarcou para a Baía com a amante e em companhia do outro bardo celebre Luiz Nicoláu Fagundes Varela. Na Baía, o "Gonzaga" foi representado por um grupo de amadores dirigido por Eugenia Camara. A platéia não entendeu a peça, e o autor se sentiu decepcionado. Tanto que depois confessaria que o desempenho não havia passado de "caricatura na cena da Baía". Por um triz não jogou o manuscrito ao fogo. Cecéu — assim era apelidado nas rodas intimas — havia descido aos infernos da cólera, porém espreitava o momento de conseguir a interpretação que só o talento daria ao drama. Imaginou organizar uma companhia para a amiga.

Por essa ocasião, cresceram as discordias entre ambos. A atriz foi enleada pelos louvores e pelas cortezias da platéia; e Castro Alves viu, no orgulho dela, mais preocupação com o sucesso pessoal do que com as afeições do amante desesperado. Enciumou-se. No dia em que os admiradores ofereceram a Eugenia Camara uma coroa de prata, ninguem poude segurar o estudante. Reboou o escandalo da briga. Reconciliaram-se, porém. E sairam da Baía, rumo ao Rio de Janeiro.

Na corte, o original do "Gonzaga" teve elogios de José de Alencar e de Machado de Assis. O mestre de "Braz Cubas" se expandiu: "O poeta explica o dramaturgo. Reaparecem no drama as qualidades do verso; as metáforas enchem o periodo; sente-se de quando em quando o arrojo da ode. Sófocles pede asas a Píndaro. Parece ao poeta que o tablado é pequeno; rompe o céu de lona e arroja-se no espaço livre e azul". Depois, a leitura da peça na redação do "Diario do Rio de Janeiro", assinalou a consagração. Conta-se que, apesar disso, o ator Furtado Coelho se esquivou a incluir o "Gonzaga" no seu repertorio, o que irritou o baiano.

Mas o autor queria ver o drama representado no ambiente favoravel, sem os despeitos manifestados no Recife e na capital do Imperio. Chegando em S. Paulo, lutou para formar a companhia de Eugenia Camara, ao lado de Joaquim Augusto Ribeiro de Sousa, considerado, então, o maior artista do teatro brasileiro.

A companhia de Eugenia Camara

A constituição do elenco é de iniciativa dos academicos, realizam-na os meios estudantinos. Tambem os acionistas do São José auxiliam a idéia, e o teatro é colocado ao dispôr da atriz. Em março, atacam-se os ensaios. Planeja-se temporada de dezesseis récitas. Difícil ao poeta arcar com todas as despesas do inicio, e adota-se o sistema de assinaturas em prestações. Quase todos hospedados no Hotel de Italia, carecem os atores de satisfazer as despesas forçadas. Castro Alves recorre aos mais intimos e consegue dinheiro. Aparece nos jornais este aviso: "Teatro. A artista Eugenia Camara, — tendo alcançado o teatro para dar ao ilustre publico, desta cidade, uma série de espetaculos até o encerramento da Academia, e desejando, para este fim, ligar-se aos seus colegas de arte, que desejarem coadjuvá-la em tal empresa, — desde já recebe as propostas dos mesmos. A mesma atriz, contando com a proteção tanto do corpo academico como da classe comercial, espera contratar alguns artistas da Côrte, a fim de poder representar, entre outros dramas nacionais, varios trabalhos, dos primeiros literatos desta Nação, alguns dos quais ainda aqui não representados, que terão duplo resultado: de encher de glorias os seus autores e seu país, e contribuirem com as puras tradições da verdadeira arte dramatica para a nacionalização do teatro".

A escolha das peças estava de acordo com o nacionalismo da hora. Os écos da campanha do Paraguai reacendiam os ardores nativistas, e apreciava-se sómente o que era brasileiro. Por isso mesmo, o repertorio anunciava "Os Miseraveis", de Agrario Meneses; o "Demonio Familiar", de José de Alencar; "Gonzaga ou A Revolução de Minas", de Castro Alves; uma peça de Fagundes Varela; e, "além destes, quaisquer outros trabalhos que os distintos literatos brasileiros lhe queiram confiar".

A estréia, a 26 de abril. Invulgar, o sucesso da companhia. Depois, novas funções. Eugenia Camara deu dois espetaculos em Santos e regressou.

As relações do poeta e a amiga se agravavam, devido às infidelidades dela, e aos ciumes do vate. Vida infernal. O romance encerrar-se-ia de forma triste. Mesmo assim, Castro Alves não fugia da amada, comparecia ao teatro e nunca deixava de subir à cena, no entreato, para declamar. Enxergavam-no entre as cadeiras, e os espetadores o reclamavam com ovações insistentes.

A companhia levou ao proscenio a peça "Meia hora de cinismo", de costumes academicos, escrita por França Junior, em 1861, quando cursava a Faculdade de Direito. Realçando a expressão estudantina da comedia, Castro Alves compôs, a fim de lhe ser intercalada, a "Canção do Boemio", musicada pelo maestro Emilio do Lago. Note-se que "cinismo" então significava, no calão academico, "tédio", "cansaço", "enjôo da vida". O poeta falava, nos versos, em Nini, referindo-se a Eugenia Camara:

"Nini! o horror deste sofrer pungente
Só teu sorriso neste mundo acalma...
.. ..
Se tu viesses... de meus labios tristes
rompera o canto..."

A canção alegre do boemio é cheia de amarguras. Saudade, paixão sem remedio, melancolia do abandono. Há trocadilhos já incompreensiveis. À noite, em que se ouviu a canção, os estudantes ergueram Castro Alves aos ombros e o carregaram à saida do São José.

Em "Vida e Obras de Castro Alves", aludindo ao aniversario do poeta, Mucio Teixeira afirma: "Uma noite em São Paulo, precisamente a 14 de março, deixou de efetuar-se um espetaculo, depois do teatro já cheio de espetadores, porque a primeira atriz da companhia, jantando com Castro Alves, que nessa data festejava no grupo dos amigos mais intimos o seu aniversario natalicio, se retardara, o que ia provocando um grande escandalo". Não é verdade. Mucio Teixeira foi mal informado. Tive a paciencia de investigar os periodicos de 1868. Havia Castro Alves chegado de pouco. Ainda não se organizara a companhia. A que trabalhava era a de Furtado Coelho, com Ismenia Santos, e a 14 de março houve espetaculo, sim. Nenhum adiamento se verificou. O unico adiamento de função, quanto à companhia de Eugenia Camara, é de 29 de abril, por falecimento do conselheiro Falcão, lente da Academia de Direito.

Eugenia Camara representou, ainda, o drama "Lucia", dos academicos José Felizardo Junior e Carlos Ferreira, companheiros de "republica" de Castro Alves.

A proposito de Furtado Coelho, este ator desprezou o "Gonzaga". Mas fracassou estrondosamente na temporada de 1868 e foi vaiado. Castro Alves se desforrou com o malogro e comunicava, em carta a Luiz Cornelio dos Santos: "Estou vingado! O Furtado levou uma formidavel e estupenda pateada, justamente com o seu remorso vivo e a sua Ismenia! Imagina que no quarto ato foi tal a vaia na entrada em cena dele, que três vezes voltou desorientado e com a cabeça perdida para os bastidores, sem poder dizer uma palavra!" Fazia o poeta alusão ao drama "Remorso vivo" e à atriz Ismenia Santos, amante de Furtado, no palco rival de Eugenia Camara.

O fastigio

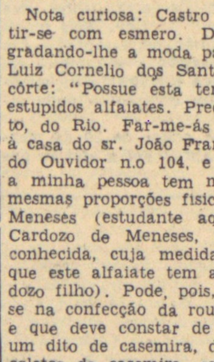
A fama do poeta se alarga. Figura na redação de "A Independencia", jornal do partido liberal da Academia e fundado por Joaquim Nabuco. Nas mesmas colunas, esplende a prosa firme de Rui e se expandem os periodos oratorios de Martim Cabral. Castro Alves colabora, ainda, em varios órgãos academicos, inclusive no "Ipiranga", a tribuna jornalistica dos revolucionarios republicanos e abolicionistas.

Joaquim Nabuco, em 1868, aluno da Faculdade de Direito

Nota curiosa: Castro Alves usava vestir-se com esmero. Duma feita, desagradando-lhe a moda paulista, escreveu a Luiz Cornelio dos Santos, residente na côrte: "Possue esta terra de São Paulo estupidos alfaiates. Preciso de algum fato, do Rio. Far-me-ás o obsequio de ir à casa do sr. João Francisco Rabelo, rua do Ouvidor n.o 104, e de dizer-lhe que a minha pessoa tem mais ou menos as mesmas proporções fisicas do Cardozo de Meneses (estudante aqui) filho do sr. Cardozo de Meneses, pessoa daí muito conhecida, cuja medida ele tem. (Digo que este alfaiate tem a medida do Cardozo filho). Pode, pois, por ela, regular-se na confecção da roupa de que te falo e que deve constar de um paletó preto, um dito de casemira, duas calças e dois coletes de casemira, sendo uma clara e outra escura (fica ad libitum de ti a escolha). Peço-te toda e toda a pressa na remessa, se for possivel até o dia 7 de setembro. Manda antes dizer o que custa, para te enviar". Cardozo de Meneses pai era o barão de Paranapiacaba, antigo aluno da Faculdade, poeta da "Harpa gemedora" e tradutor das "Fabulas de Lafontaine".

A 2 de julho, Castro Alves alcançou, ainda, por duas vezes, sucessos incomuns. A efemeride da Baía e a queda dos liberais lhe favoreceram novos triunfos. Uma das causas principais do seu renome era a maneira de fazer o publico sentir a beleza das poesias. Ninguem sabia dar às estrofes o poder de sedução que sómente ele conhecia. Conhecia e exagerava, porque nasciam da inspiração iluminada de lampejos e sacudida de arrebatamentos. Carlos Ferreira narrava: "Quando ele recitava, toda a gente que o ouvia tinha arrepios de assombro e enxergava, na esbeltica e simpatica pessoa do jovem academico, mais um semi-deus do que um poeta, menos um poeta do que um vidente e nunca se fartava de ouvir. Ele tambem, valha a verdade, nunca se fartava de recitar; seria capaz, se instassem, de passar a vida inteira declamando". O vate enamorara-se de si proprio, deslumbrado com os poemas que escrevia, transportado nas influencias do narcismo sem cura. Sobrava-lhe talento para isso, reconheçamo-lo.

No dia 2 de julho, comemorou-se, no São José, a independencia da Baía. Castro Alves, no delirio da paixão por Eugenia Camara, vivia preocupado em conseguir a representação do "Gonzaga". À solenidade, compareceu o vice-presidente de São Paulo, e compareceram os professores e os alunos da Faculdade. Eugenia Camara e seus atores abriram a sessão, cantando o Hino Nacional e o da Baía. Galgou o palco o poeta, o "grande Castro Alves" como diziam todos na Academia e fóra dela", segundo um depoimento da época. A voz comovente e firme principiou. O poeta ia apresentar-se:



Castro Alves aos 22 anos

— O Ipiranga conhece o Paraguaçu! — exclamou — O 7 de Setembro é irmão do 2 de Julho. Não ha gloria de uma Provincia, ha gloria de um povo. E' sempre o Brasil o herdeiro augusto dos herois, esses pródigos sublimes!

O fraseado impressionou. Estrondaram ovações. Alisando a cabeleira negra e esvoaçante, olhar vivo, declamou a ode "Ao Dois de Julho". Não se pode traduzir em palavras o efeito. Na memoria dos presentes, eternizou-se a ressonancia dos versos e a impressão das imagens violentas:

Vem, em seguida, o desfecho da crise politica que havia começado em 1867, ao ser agitada a abolição da escravatura. Prestigiando Sales Torres Homem, o governo imperial golpeara os liberais, na hora em que o espirito reacionario dos conservadores defendia a bandeira antiabolicionista. Arrumava as malas e saia do ministerio, Zacarias de Góis e Vasconcelos, cedendo o logar da presidencia ao visconde de Itaboraí. Romperam clamores, sobretudo na Faculdade de Direito, onde a juventude visionaria e idealista acompanhava a atitude do mestre José Bonifacio, o Moço. Os estudantes se rebelaram, e o grupo republicano elevou, com dignidade, incisivos protestos. Os órgãos da falange revolucionaria eram "O Academico", "A Imprensa Academica" e "A Independencia", jornais de bravura e que atacavam o governo por haver cometido, com a derrubada dos liberais, um "estelionato politico". Lideravam o reduto republicano Rui Barbosa, Castro Alves, Joaquim Nabuco, Martim Cabral, Salvador de Mendonça, Ferreira de Meneses, e outros. A fim de melhor provar a revolta contra o "poder pessoal" do soberano, resolveu o grupo manifestar-se pelo verbo, na tribuna popular. Escolheu-se, para isso, o salão da Concordia Paulistana.

Foi o fastigio de Castro Alves. 22 de julho. O poeta dominou. E' Campos Carvalho quem relembra: "Ao assomar entre as luzes e os veludos cor de rosa da enfeitada tribuna, ao brandir (sic) aqueles olhos de aguia sobre o grande e inteligente auditorio, o silencio impôs-se, a atenção geral correu para ele", e "uma bateria tumultuosa de palmas e ovações convenceram-no do resultado feliz, como as barretadas do povo garantiam a vitoria da palavra de Mirabeau".

O vate cresceu no orgulho dos triunfos. Aos écos dos ultimos aplausos, alçou o verbo trovejante. Alocução que calou fundo na assistencia. Um trecho apenas foi recolhido para a sua historia: "Senhores! Alvares de Azevedo outrora atirou suas estrofes nos tapetes de um rei pedindo a vida de um herói, eu rólo as minhas no coração da mocidade, pedindo-lhe o óbulo da imortalidade para o filho espúrio da realeza!"

Seguem-se, após, as festas comemorativas das vitorias brasileiras na guerra com o Paraguai. Em agosto, celebra-se o feito de Humaitá. O povo se une aos estudantes. Castro Alves fala e recita na praça publica, nas reuniões e no teatro. E' a voz que vibra na emotividade nacional.

Vem o 11 de agosto, e a fundação dos Cursos Juridicos é festejada com identico entusiasmo, com o concurso indispensavel do poeta. São Paulo inteiro quer Castro Alves, quer escutar Castro Alves, quer sentir as exaltações patrioticas com Castro Alves. Seria estender-me demais, relatar um a um, esses acontecimentos inesqueciveis. Três anos depois, Campos Carvalho evocará pela imprensa: "O poeta celebrizou-se, para os seus colegas; nas alegrias populares em honra da Patria, ele celebrizou-se para o povo paulista. Quando a onda de cidadãos parava, e ele aparecia, os aplausos antecipados vedavam-lhe sempre o precipitar do seu estro radioso no coração dos ouvintes. Todos queriam aplaudí-lo, todos vê-lo, disputavam-se logares, e apenas ele batia palmas, como pedido de atenção, era bonito ver-se em uma multidão compacta, misto de todas as classes, o respeito e o silencio tranquilo. Foi nestes festejos que ele recitou as poesias "Dois de Julho" e "Humaitá", inéditas, e uma outra que nunca vimos publicada, nem nas suas coleções. Ao cabo de cada estrofe, o ar estrondava com baralhar diverso e altivo das manifestações, davam-lhe vivas, subiam à tribuna, abraçavam-no, e ele mais eletrizava as turbas ao "bis" pedido a um verso novo. Castro Alves, diante do povo, era como Mistral diante do congresso dos moços, era com Castelar à frente da constituinte espanhola. Como poeta, na praça publica, ele tinha os predicados todos dos homens que arregimentam sequazes em prol de suas idéias. Convencia, admirava e era capaz de amotinar um grupo de reacionarios".

A comemoração do 7 de Setembro

Regressando da côrte, após a crise de julho, José Bonifacio, o Moço, recebeu a manifestação de solidariedade dos alunos, consagrado no banquete promovido por Joaquim Nabuco. Depois dessa homenagem, sucede a comemoração do 7 de Setembro, ainda sob o delirio de Humaitá e das repercussões internas com a queda dos liberais. Como a jornada em prol da Abolição formava o interesse unico em São Paulo e sobretudo na Academia do largo de São Francisco, de outra coisa não cuidavam os estudantes. Folhas e revistas pareciam flamas. Na tribuna, a eloquencia dos mestres liberais e dos alunos do mesmo credo era clarão reivindicador dos direitos da raça negra. A frase de Itaboraí, ao dizer que a supressão do cativeiro seria a "pedra que rolaria da montanha para esmagar o Brasil" chocara o espirito da mocidade. No fundo, queria expressar a pedra que aniquilaria o regime monarquico.

Castro Alves ia de "republica" em "republica" e movimentava as opiniões. Joaquim Nabuco exercia a força do prestigio que mantinha em destaque o grupo revolucionario. No ardor da luta, festejar-se-ia a data da Independencia. Concluira Castro Alves o poema "Os Escravos". Combinou-se que a solenidade teria carater popular, no Ginasio Literario.

Em meio da sessão, o poeta declamou o "Navio Negreiro" que havia acabado de compor. A tragedia do preto flagiciado ganhava relevo nos versos candentes. A dança do chicote provocava funda comoção na assistencia, e as estrofes largavam impressões inapagaveis. Do efeito, nada é preciso dizer. Mas o cronista Campos de Carvalho relata bem o que foi a comemoração: "De festa literaria, passou ao carater de politica, as declamações, o entusiasmo e a indignação dos moços contra a gente que galgou as muralhas do poder sem hinos de alarme e sinal de combate, foram alvorotando os animos, e dentro em pouco o Ginasio parecia um clube de jacobinos e uma sessão da Montanha. Quando serenou o tumulto, Castro Alves pediu a palavra e subiu ao pulpito da mocidade, para irradiar a parábola de Hugo, naquele templo vulcanico. Como no Ateneu, o silencio imperturbavel e o anseio traziam as atenções ligadas à sua fisionomia inspirada. Depois recitou a "Tragedia no mar". E' indiscritivel a sensação que causou".

Conselheiro José Bonifacio, o Moço, lente da Faculdade de Direito, no tempo de Castro Alves. Reprodução do quadro a óleo existente na Biblioteca da Escola do largo de São Francisco.

O "Gonzaga" vai à cena

Combinada com Joaquim Augusto a representação da peça, escreve-lhe Castro Alves: "Conversemos sobre o nosso "Gonzaga", nosso, sim!, porque ele amanhã será tão seu quanto meu, seu pelo direito da criação artistica, meu apenas pelo direito da invenção dramatica... mais seu ainda porque ha de dar-lhe alma, ao passo que apenas dei-lhe corpo (permita a expressão)". Adiante pondera: "Sabe que o meu trabalho precisa de uma platéia ilustrada. Precisa talvez mesmo de uma platéia "academica". O lirismo, o patriotismo, a linguagem creio que serão bem recebidos por corações de vinte anos, porque o "Gonzaga" é feito para a mocidade. Mesmo talvez este desnortear-me do trilho e estilo seguidos lhe seja merito perante tal publico. Por que não o levaremos já? O 15 de outubro está a bater às portas e a chamar os espiritos para os sonhos das férias, a dar cabo dos jornais academicos e mandar-nos pensar nos malditos "atos". Aproveitemos o nosso publico. Ha talvez, porém, dificuldades para a Empresa. Se esta é a razão, eu me incumbirei de montar o drama. Demais acresce que, julgo, breve terei de ir ao Rio tratar de um negocio meu. Quanto não perderei então não ouvindo-o no meu trabalho. Enfim, concluindo, devo confessar-lhe que tenho mesmo impaciencia de vê-lo dar vida e alma a estas palidas sombras que um dia criei de coração, e cuja caricatura na cena da Baía deu-me impetos de atirar ao fogo, como as mães da China o fazem com os filhos monstruosos". O poeta queria o julgamento dos colegas. A montagem foi à custa de subscrição entre academicos, amigos e admiradores.

Subiu à cena, o "Gonzaga", à noite de 25 de outubro de 1868, no São José. Enchente como nunca se vira. A Faculdade tomou a si a festa. Joaquim Augusto no papel principal de Gonzaga, e Eugenia Camara no de Marilia de Dirceu. Exito fóra do comum. Não houve palmas que bastassem. Varias vezes, foi Castro Alves chamado ao proscenio. O publico se sentira emocionado, sobretudo com a cena da despedida dos inconfidentes, a qual bem se podia equiparar ao capitulo comovedor de Lamartine, na "Historia dos Girondinos", ultimo adeus dos condenados. Todos os jornais proclamaram a beleza do trabalho, mais poema do que propriamente peça teatral. E o "Ipiranga", folha dos estudantes Salvador de Mendonça e Ferreira de Meneses, afirmava: "O melhor elogio que possamos fazer do drama do sr. Castro Alves é que não pudera ser obra senão de uma alma livre e não ser feita senão para um povo de homens".

Quatro dias após, o "Gonzaga" era repetido no São José, com igual e glorificadora repercussão.

Intervenção de Rui Barbosa

Castro Alves foi desventurado no amor. A ligação com Eugenia Camara lhe envenenou a existencia, pois a amante não vacilou em trocar a afeição do genio pelos galanteios de novos conhecidos. As incompatibilidades com a portuguesa se acentuaram durante os ensaios do "Gonzaga", e houve rompimento antes do espetaculo. Dura situação: assistir ao desempenho do drama em que se sobressaia a mulher que o martirizava. Sob a tirania da paixão, tudo na atriz o deslumbrava. Ela não possuia nenhum brilho de inteligencia, porém exercia, com a força da sensualidade, a sedução das formas que embriagava o baiano. Enfeitiçado, não enxergou as possiveis traições na Baía, em Pernambuco e no Rio de Janeiro. Afirma Xavier Marques, categoricamente, que o bardo do "Navio Negreiro" já era enganado "muito antes de o ser em São Paulo".

Na fase dos ensaios do drama, verificou-se o incidente amoroso que a irmã do poeta, dona Adelaide de Castro Alves Guimarães, narrou a pessoas de suas relações que me transmitiram o caso.

Rui Barbosa figurava entre os amigos mais queridos do poeta. Colegas do mesmo ano e conterraneos. Ao denunciar Castro Alves, na crise do exaspero, a tragedia passional, as incompatibilidades com a atriz haviam alcançado proporções vergonhosas. Assunto das conversas na Academia, no teatro e nas esquinas. Castro Alves não se continha e se lamentava aos camaradas. Ultimamente, se ocultava na "republica" de Rui, onde ia curtir as maguas. Eugenia Camara não se incomodava, distraida nas aventuras que lhe proporcionavam os atores, alguns jornalistas e mesmo um politico em evidencia.

Uma tarde, resolveu Castro Alves exigir explicações dela. A atriz morava na antiga pensão do sobradinho do largo 7 de Setembro, angulo da rua da Gloria. O cantor de "Espumas Flutuantes" tinha lá, na alcova da portuguesa, quase todos os livros dos autores prediletos e parte das roupas.

Discutiram. Brigaram. Eugenia Camara o convidou a retirar-se, porém ele resistiu. A "dama negra" o fascinava, prendia, com seu "aspeto de passaro maldito". E ela, deshumana, grosseira como sempre, foi atirando, pela janela, os livros, as roupas e as botinas do poeta. Ferido, humilhado, Castro Alves saiu para fóra, sentou-se à calçada e principiou a chorar, desatinadamente. Estudantes que se achavam nas imediações lembraram-se de Rui, para tirar o companheiro daquela situação. Daí a pouco, Rui apareceu, achegou-se ao poeta, acariciou-lhe as faces e os cabelos, ergueu-o pelo braço. E ambos desceram aos lados da Sé. Iam, naquela tarde, unidos na compreensão moral, os dois jovens, dois genios do Brasil: o do verso e o da eloquencia.

E' o ponto em que vai começar o ato derradeiro da tragedia intima do baiano.

Desafetos de Castro Alves

Como sucedeu no Recife, na Baía e no Rio, encontrou o poeta inimigos na Paulicéia. Em Pernambuco, o seu adversario intransigente foi Tobias Barreto. Depois de haverem sido companheiros afeiçoados, desavieram-se por motivo de rivalidades das atrizes Adelaide Amaral e Eugenia Camara. A primeira era amante de Tobias, casada com o ator Pedro Joaquim do Amaral. Ao passo que a preferida do baiano era solteira. Uma noite, em pleno espetaculo no teatro Santa Isabel, no Recife, os dois poetas rinharam em versos improvisados, querendo cada qual a primazia da sua eleita. Considerando-se grego, "pequeno e forte das forças do coração", Tobias chamou Friné à amiga de Castro Alves. Este se zangou e, considerando-se hebreu, atirou na do contendor o jabéu de mulher de Putifar. Até depois de falecido o baiano, Tobias o odiou. Mucio Teixeira publicou, certa vez, elogios ao cantor de "Adormecida". Encontrando-se com Tobias, este lhe falou, com sarcasmo:

— Li o seu trabalho sobre Castro Alves. O senhor defendeu um morto, atacando um vivo, e um vivo que não se deixa matar... Gósto das audacias!

No Rio, Belarmino Barreto, jornalista pêco e frustro, escreveu barbaridades, com o intuito de apoucar o merito do "Gonzaga". Não lhe ligaram minima importancia. Era esse o BBB Barreto a que alude o poeta na missiva a Augusto Guimarães, seu cunhado.

Na Paulicéia, dizia-se que Joaquim Nabuco revelara animosidade para com ele. Inveja da eloquencia do poeta, festejado como o maior orador conhecido. Se houve isso, foi em começo da camaradagem deles, ao se encontrarem no 3.o ano da Faculdade. Depois, cessou. O mestre de "Minha Formação" exalçou os meritos do colega e companheiro de jornada politica.

Versejadores de meia tijela, galinaceos de quadrinhas não deixavam de parodias cretinas aos poemas do gigante. No muro do corredor das Arcadas, apareceram versos de tal especie. Lendo-os, Castro Alves murmurou:

— Não tenho culpa que as grandes orelhas não permitam ouvir os sons finos e delicados...

João de Brito, zoilo que nem muitos, se meteu a criticar o poeta sobre a composição "Rezas", onde descobrira ambiguidade nestes setissilabos:

"Passam as contas doiradas
das estrelas pelas mãos".

— As estrelas tinham contas, ou as contas eram as estrelas? — indagou o critico.

Sorrindo, Castro Alves retrucou:

— Quando eu digo "o bobo do Brito", quero afirmar que o Brito tem um bobo, ou que o Brito é essé bobo?

Antonio Manuel dos Reis, aluno da Academia e da turma de 1860-64, se tornou jornalista de alguma repercussão no Brasil. Boemio e brigão, deixou fama nas Arcadas. Foi o Reis Caçador e o Reis Patusco da tradição. Polemizava com meio mundo. Apesar de formado, Reis vivia aborrecendo a Castro Alves. Chegou a imprimir satira às estrofes do baiano, na qual escachava as imagens do condoreiro. "Trapos de bandeira", "pedaços de infinito", "fragmentos de amplidão", etc., denunciavam onde tocava a flecha venenosa do satirico. Para Castro Alves aquilo ultrapassava as medidas. Como a satira não trazia assinatura, berrou teatralmente:

— Quisera eu saber quem é o miseravel que me atacou! Quisera levá-lo à praça publica e dizer ao povo: Tem patas!

Mas ele sabia, de sobra, quem o havia atacado.

A catastrofe

Um dia, circulou a noticia de haver sofrido Castro Alves um acidente na Consolação. A principio, o caso veiu confuso. Em seguida, esclareceu-se. Indo caçar nas imediações do bairro, ao descer um valo, foi atingido pela carga da sua espingarda que disparou. Os chumbos pregaram-se-lhe no pé, ferindo-o profundamente. Na tarde de 14 de novembro de 1868. Os jornais noticiaram o acontecido.

No desastre, escondia-se o drama das agruras sem lenitivo. Castro Alves compreendera a situação de menospreço a que o havia sotoposto Eugenia Camara. A amante se entregara a outras seduções, no auge da gloria a que a elavara, sobretudo, a projeção do amigo. Bisbilhotavam-se coisas horriveis, e não se admitia que o poeta ficasse na posição do ludibrio voluntario, conciente. A portuguesa respondia com a infidelidade à paixão do genio, O martirio dele não achou consolo. Aquilo lhe verrumava o coração e o cérebro. Mas precisava se esquecer de tudo. Sob evasiva da caça, ele que nunca se dedicara a esse esporte, afundava-se nos campos das redondezas, espingarda a tiracolo, e seguido por seu cão, o "nobre perdigueiro". Queria se isolar.

Ferido, tombou e arrastou-se pelo chão, até a primeira casa que encontrou. Removeram-no para a residencia do seu conterraneo, o dr. Lopes dos Anjos, medico, e dali o transportaram à "republica", onde morava. O facultativo amigo o tratou com desvelo. Castro Alves perdeu muito sangue. Assaltou-o a febre, em condições penosas. Sobrevieram-lhe hemotises. A tuberculose. Desvaneceram-se as esperanças de o salvar. Professores e colegas tudo buscaram, a fim de lhe proporcionar alivio e assistencia necessaria, no tempo em que escasseavam cirurgiões na Paulicéia. Nada se conseguia, pois o estado do enfermo trazia negros prognosticos. A gangrena se desenhava, e a tuberculose prosseguia.

A Academia inteira chorou com a tragedia e a dor do poeta. Dirsé-ia que o sofrimento ampliara os remigios do condor abatido. Mestres, alunos, a multidão, todos desfilavam à beira de sua cama, na "republica" do estudante pobre. Tristes prenuncios de se achar prestes o fim do genio que cantara o suplicio dos escravos e pedira a redenção dos humilhados. Tudo lhe deram. Tudo fizeram por ele. Houve instante em que as flores de todos os jardins de São Paulo lhe foram enviadas. Mensagem de admiração e amizade do povo que o amava. O presidente da Provincia, Candido Borges Monteiro, barão de Itauna, saiu do palacio e, como cirurgião notavel lhe levou assistencia profissional. Sem exito satisfatorio, porém. A pedido dos lentes José Bonifacio e Antonio Carlos, veiu, de Mogimirim, o famoso operador alemão dr. Gottinger, que tambem nada conseguiu no tratamento feito ao ferido.

Seis meses permaneceu ainda Castro Alves em São Paulo. Rui Barbosa, Americo de Campos, Carlos Ferreira, Campos Carvalho, Ferreira de Meneses, Brasilio Machado, Rubino de Oliveira e o padre Chico formavam a assistencia assidua. Rubino de Oliveira, o mulato que depois se tornou professor da Faculdade, se mostrou de dedicação rara, sem nunca o abandonar.

Como decorreram as noites e os dias, de novembro de 68 a maio de 69, para a vida do doente, rememorou Brasilio Machado na pagina inolvidavel: "Aquela alcova testemunhou as mais desencontradas cenas de desanimo e de alegria, de lutas e de resignação. Umas vezes, o poeta caia, como pressentindo os arrepios da morte, em uma tristeza chorosa, doida, profunda, imensa. E nos falava da familia, da sua mocidade, dos seus melhores sonhos... Suas palavras gotejavam, como bagas de pranto. Tinham essa sombria voz das frases de um testamento".

Em meio do martirio, houve duas noites em que os medicos se desencorajaram. Morriam as derradeiras esperanças. O poeta não parava de escarrar sangue. E a fraqueza avançava. Ninguem desertou dali. Afinal, debelou-se a crise que se afigurava fatal. Foi nas noites de 30 de março e de primeiro de abril que ele recordaria mais tarde, em carta aos amigos.

Mas é necessario insistir, sempre, que a maior afliçáo lhe provinha de ver-se

(Conclue na pag. seguinte)